

---

GUTIÉRREZ, Gustavo: *La densidad del presente*. Salamanca: Sígueme, 2003. 206 pp., 21 X 13,5 cm. ISBN 84-301-1496-3.

---

Sígueme reedita, em outro formato e estruturação, com uma seleção quase idêntica, o livro de Gutiérrez publicado em Lima, pela CEP, em 1996, com o título “Densidad del presente”, sem o artigo “la”. Nesta edição espanhola, há uma introdução original, feita por Casiano Floristán que, de maneira sintética e clara, apresenta a pessoa, o pensamento teológico e a influência espiritual de Gutiérrez. Excelente introdução. Em breves páginas, um leitor estranho ao teólogo peruano consegue mergulhar-se em seu mundo.

O livro recolhe artigos, conferências e trabalhos de Gutiérrez, escritos entre os anos 1984 e 1996, com uma única exceção de texto mais recente (1999). Para quem conhece o pensamento do autor, o texto não oferece muita novidade, mas tem a vantagem de reafirmar com enorme clareza e firmeza as teses fundantes da teologia da libertação. Em tempos de neoliberalismo globalizado, tais afirmações se tornam atuais, pertinentes e necessárias. Numa cultura do descartável, facilmente se consideram superadas idéias e opções que conservam sua atualidade e seriedade.

Organizam-se os textos sob três tópicos. O conjunto maior, que perfaz a metade do livro, trata de questões metodológicas do fazer teologia, desde um texto autobiográfico até aqueles que

apontam as tarefas futuras da teologia latino-americana e em geral. A preocupação fundamental, que atravessa os diferentes trabalhos, é de fazer uma teologia colada à realidade dos pobres e inserida na comunidade eclesial. O tipo de linguagem próprio é explicitado sob diversas formas. O A. recorre com frequência a escritores peruanos que o inspiraram com sua literatura. Ao traçar prospectivas teológicas, indica três campos principais: a cultura moderna e pós-moderna, o pluralismo religioso e o tema dos temas: os pobres. Só por essa “santa obsessão dos pobres” este livro merece ser lido e tomado a sério.

Num segundo bloco, dois clássicos da espiritualidade são revisitados. Um europeu espanhol – São João da Cruz – e outro radicado nas “Índias Ocidentais” – Bartolomé de las Casas. Sobre este autor, Gutiérrez escreveu volumosa obra: *En busca de los pobres de Jesucristo: el pensamiento de Bartolomé de las Casas*, Lima: Instituto Bartolomé de Las Casas, 1992, de 700 p. Aqui, porém, oferece-nos o suco concentrado de seus amplos e profundos escritos sobre Las Casas.

O último grupo de textos coloca-se sob o signo do compromisso, da solidariedade desde a opção evangélica pelos pobres.

Ler, reler Gutiérrez lembra o teólogo e o cristão para o fundamento dos fun-

damentos de todo pensar e agir cristão: a paixão de Deus pelos pobres e que, portanto, a fidelidade a Ele passa pela mesma opção. Do contrário, constroem-se flores teológicas para os salões de

intelectuais desenraizados do povo cristão. Somos gratos por esse contínuo alerta que Gutiérrez nos faz a todos.

J. B. Libanio

---

BERGER, Klaus: *Im Anfang war Johannes*: Datierung und Theologie des vierten Evangeliums. Zweite, durchgesehene Auflage. Gütersloh: Chr. Kaiser / Gütersloher Verlagshaus, 2003. 312 pp., 20 x 13 cm. ISBN 3-579-05201-2.

---

Esta obra de Klaus Berger quer provocar: “No princípio era João”. Não sem certa razão, critica a tendência da exegese alemã a recuar o mais possível as datas dos escritos do Novo Testamento e sobretudo do Evangelho segundo João. Esta tendência tem sua origem na *Aufklärung*, que achava que um evangelho com uma “cristologia elevada” (leia: afirmando a divindade de Jesus) supunha notável evolução teológica – geralmente considerada como desvio e mitificação... Vendo em João a síntese entre a teologia paulina e a petrina (Mc, os sinóticos), situavam a obra na segunda metade do século II d. C. Infelizmente descobriu-se um papiro dos anos 130 d. C. contendo trechos de João, e mais tarde alguns manuscritos de meio século depois, contendo praticamente todo o evangelho. Não são, porém, estes dados externos, conhecidos há muito, que provocam a reação de Berger, mas os antigos preconceitos que ainda hoje se escondem por baixo da opinião corriqueira de que João foi escrito por volta de 90 d.C. Expondo vez por vez esses preconceitos para depois refutá-los, Berger distingue três âmbitos: questões de introdução ao estudo, temas teológicos e posição do Quarto Evangelho no mundo teológico. Citá-las-ei a seguir, manifestando ocasionalmente minha reação; quem ler o meu comentário (*Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 2000) perceberá que eu vejo

como elaboração redacional muitos textos em que Berger reconhece tradição antiga.

Nas questões introdutórias, examina os seguintes tópicos: – o antijudaísmo (a discussão com o judaísmo não cristão não deve necessariamente refletir a situação de depois de 80: Lucas 6,22, texto da fonte Q, por volta do ano 50, já aponta as perseguições pela sinagoga); – a destruição do Templo (Jo 12,19 bem poderia ser uma formulação pré-marcana em comparação com Mc 14,58); – a morte de Pedro e do Discípulo Amado (Pedro morreu entre 64 e 67, o evangelho não supõe a destruição do Templo [!], portanto foi escrito entre 67 e 70); – a estrutura interna da comunidade (ainda não hierarquizada); – a identidade do Discípulo Amado (talvez André [!], que é certamente a figura mais importante da tradição joanina); – o círculo dos discípulos próximos (Filipe, Tomé, Natanael); – Simão Pedro (diversos elementos da tradição a seu respeito parecem mais antigos que em Mc).

Os temas teológicos abordados são os seguintes: – “palavra de Deus” e “palavra de Jesus” (a teologia do Logos não é uma helenização tardia [de acordo!], mas determina a forma original deste evangelho como palavra divina de Jesus sustentada pelo Paráclito em situação de perseguição; como Paulo, João conhece dois Paráclitos para a comuni-

dade, Jesus e o Espírito); – preexistência (teologia judaica: uma realidade divina é vista em relação a um ser humano, unidade de agir de Deus no início/na criação e na redenção [de acordo]); – João Batista (tradições mais antigas que as sinóticas/o fato de os discípulos de Jesus provirem do círculo de João Batista parece histórico); – o “Filho do Homem” (os sinóticos o vêem na perspectiva daniélica, em relação com o Reino de Deus, João na ezequieliana [faz pouco caso do Filho do Homem como juiz em João!]); – interpretação simbólica dos milagres (não é tadia, pois existe também nos sinóticos); – a ausência de exorcismos (falsa impressão de “teologia mais avançada”, pois em João, como nas cartas paulinas, Jesus combate o antagonista de Deus); – discurso sem parábolas (mas em Mc há também muita palavra de Jesus que não é parábola, e em João ocorrem parábolas; o discurso de Jesus em João acentua a decisão no conflito, o que é uma situação do início da pregação); – escatologia como união futura com Cristo (não é coisa tardia: Berger compara Jo 14,1-3 a 1Ts 4,17b); – proclamação aberta e juízo já (pode ser tão original quanto o segredo messiânico de Mc; a pregação como decisão de vida ou morte, cf. 2Cor 2,16).

Finalmente as questões cristológicas: – presença de Deus em Jesus (pouca diferença entre João e os sinóticos); – Jesus é o próprio Deus? dois deuses? (não Jesus, mas os adversários dizem isso); – as palavras com “eu sou” (existem na tradição sapiencial; nenhuma dessas expressões é necessariamente uma fórmula de teofania); – o tema da vinha (João entende a comunidade de modo mais estático, permanente: outro contexto sociológico que os sinóticos); – o tema de pastor, ovelhas e porta (João conhece a mesma tradição geral que os sinóticos, mas a elabora de maneira independente); – Lázaro (Lc 16,19-31

não é mais original que João 11); – a ceia (João dispensa a tradição da ceia eucarística; nem Jo 6,51-58 alude à eucaristia [!?!]; a metáfora do pão em João é mais arcaica que na ceia sinótica); – o lava-pés (tradição peculiar); – a história da Paixão (a data em João é mais provável; a ausência de Getsêmane revela tradição pré-sinótica; o processo de Jesus é mais verossímil; evidencia os motivos de oportunismo político); – a morte de cruz (não sacrifício expiatório, mas vitória do “mártir”); – o enaltecimento na cruz (parecido com o texto pré-paulino Fl 2,6-11); – a ressurreição (a cena de Maria Madalena em Jo 20,17 mostra menos “cristologia elevada” que Mt 28,9 [!?!]); – a glorificação (em comparação com a transfiguração nos sinóticos, João não é mais “teologicamente evoluído”); – o “descer e subir” (nada a ver com um “iniciado” de tipo gnóstico que vem trazer a revelação celeste).

Finalmente, João no contexto da teologia do Novo Testamento: – em muitos pontos a realidade que ele exprime está próxima daquilo que Paulo ensina; – há proximidade especial com Efésios e Hebreus; – João e Mateus têm muitas questões judeu-cristãs em comum; – na proximidade das comunidades de João Batista, João tinha suas razões para criar sua “vida” de Jesus.

Berger vê uma “complementaridade ecumênica” entre João e os sinóticos. Com alguns elementos em comum, outros não, ambas as tradições desenvolveram-se de maneira eclética, em função de suas comunidades. Os sinóticos têm em vista comunidades de missionários itinerantes, João, comunidades estabelecidas de modo permanente. A gênese de seu evangelho é tão original quanto a sinótica. Todavia, “como o evangelho de João descreve essa impressão primária de Jesus [a presença de Deus nele] de modo tão

incomparavelmente intenso, ele está, quanto ao conteúdo e quanto ao tempo, no princípio” (p. 302).

É bom que Berger tente desmontar o mito da suposta teologia tardia de João. De fato, a cristologia teocêntrica de João, a meu ver, tem raízes profundas na experiência peculiar do Nazareno e no

falar e sentir judaico dos discípulos e de suas comunidades, e não é mais “elevada” que a dos sinóticos. O importante, porém, não é que João esteja “no princípio”, mas que afirma que “a Palavra se fez carne”.

Johan Konings

---

PEREIRA, William César Castilho: *A formação religiosa em questão*. Petrópolis, Vozes, 2004. 311 pp., 23 X 16 cm. ISBN 85.326.3057-X.

---

As Igrejas sentiram-se acuadas pelos ataques que vêm sofrendo por conta de escândalos de natureza sexual, que explodiram no seu interior a respeito da vida de bispos, sacerdotes e religiosos/as. Os jornais noticiaram amplamente tais fatos que lhes abalaram a credibilidade. Ao mesmo tempo, a Igreja católica assumiu com coragem o enfrentamento da questão, tanto de maneira canônica, com o afastamento de membros do clero envolvidos nos processos, quanto de maneira serena por meio de um estudo melhor dos rumos da formação do clero e dos religiosos.

Este presente livro situa-se nessa segunda linha. Conjuga três tipos de conhecimentos: uma pesquisa quantitativa, outra de natureza qualitativa e amplos elementos teóricos sobre o psiquismo humano, baseados sobretudo nos escritos de S. Freud.

O autor é um psicólogo clínico que soma três credenciais para a pesquisa. Durante vários anos, como jovem estudante e recém-casado, viveu na periferia de Belo Horizonte, num trabalho pastoral de base onde conviveu de perto com sacerdotes, religiosos e religiosas inseridos nessa dura realidade de pobreza e luta social. Acumula amplos conhecimentos teóricos no campo da psicologia e psicanálise, que lhe oferecem o instrumento de análise das pes-

quisas. E, finalmente, desenvolve, já há anos, atividade clínica junto a seminaristas, religiosos e religiosas e docência na PUC-Minas, no Instituto Santo Tomás de Aquino e no Instituto Santo Inácio (ISI-CES) de Belo Horizonte.

Nesse livro, transmite-nos essa longa experiência. Torna-se uma referência obrigatória para os formadores e formadoras de seminaristas e religiosos. E ajuda aos leigos a entenderem melhor a complexa realidade do celibato e da consagração religiosa, vistos desde o ângulo da psicologia. Há uma feliz articulação entre academia e vida, entre interesse pastoral e eclesial com preocupação científica. O fato de devolver aos seminaristas, religiosos/as e formadores/as os resultados da pesquisa revela uma atitude ética de serviço e não se prende a um interesse pessoal, acadêmico ou promocional.

É um trabalho corajoso que não teme tocar nas chagas de uma vida religiosa e celibatária que, durante muito tempo, não conseguiu ver claramente a problemática afetiva e sexual de seus seguidores. Une clareza e verdade com delicadeza e discricção.

No início do texto, explica a metodologia diferenciada das duas pesquisas – quantitativa e qualitativa – justificando teoricamente o relativo pequeno número da

amostragem, ao valorizar a qualidade da escolha. Os dados obtidos das pesquisas são confrontados com os resultados de outras pesquisas similares, permitindo assim maior confiabilidade na interpretação. E a própria ausência de resposta, a modo de uma “ideologia defensiva”, já permite considerações sobre a realidade estudada. Foram sujeitos da pesquisa formandos e formadores, de ambos os sexos. Nos gráficos e nos comentários, sempre especifica-se a natureza dos dados.

A pesquisa quantitativa baseou-se num questionário com a intenção de recolher dados objetivos e subjetivos a respeito da situação socioeconômica e da história pessoal do entrevistado religioso/a. A pesquisa qualitativa seguiu o tradicional método da entrevista aberta e semi-estruturada, ao deixar amplo espaço de fala ao entrevistado, a partir de umas perguntas iniciais com o uso da técnica da história oral.

O A. detalha com números a natureza dos sujeitos da pesquisa quanto a gênero, categoria (formando e formador), vínculo (religioso, leigo), faixa etária dos formandos e formadores, raça (branca, negra, mestiça), cidade de origem, mobilidade de moradia, população da residência onde mora, número de filhos das famílias de origem, ocupação e escolaridade dos pais, problemas de saúde dos pais, grau de parentesco de outros membros da residência familiar, renda mensal familiar, tipo de domicílio familiar e sua infra-estrutura em serviços e bens, ocupação (qualidade e tempo) antes de entrar no seminário ou vida religiosa, tipos de escola que frequentaram, manuseio de computador, outras áreas de estudo no caso dos formadores/as, veículos de informação disponíveis nas casas onde moram e os mais usados, tipos de leituras não-acadêmicas, atividades de interesse por frequência, partidos políticos de preferência, dificuldades de aprendizagem, descrição dos sentimentos da infância e da adolescência por meio de palavras-

chave, relacionamento com o pai e com a mãe, religião e prática religiosa da família, atividades pastorais, motivações/desejos que levaram à vida religiosa, fatores marcantes na fase de transição entre a vida familiar e a vida religiosa, expectativas e frustrações em relação à vida religiosa, problemas e dificuldades durante a formação, relacionamento com as autoridades e entre si, presença do dinheiro, poder, prestígio e prazer na formação, crescimento pessoal e a congregação, impressões sobre as instituições acadêmicas, e o questionário termina deixando uma pergunta aberta: outras questões que você gostaria de colocar.

Como se vê, é um questionário muito amplo e minucioso, que permite formar-se uma idéia da pessoa do formador e formando, de suas relações antes e depois da entrada na vida religiosa, das motivações explícitas de sua escolha. Cada item possibilita discussões, conclusões sobre o tipo de público que frequenta predominantemente a vida religiosa.

À guisa de exemplo e de curiosidade, que não dispensa a leitura caprichada do livro, cito algumas de suas observações. A média etária dos formandos é de 25 anos e a dos formadores de 42 anos. Portanto, é uma distância relativamente pequena. Mas o pequeno número de questionários não permite um resultado conclusivo. Quanto à raça, entre os formandos há um percentual de negros muito acima da média brasileira, enquanto o mesmo não vale dos mestiços. O público pesquisado é predominantemente mineiro, vindo do interior, mas cuja casa de formação situa-se em grandes centros. Por conseguinte, os formandos deslocam-se do mundo rural para o urbano com a problemática própria de tal mudança. Os formandos vêm de famílias relativamente numerosas, numa média de 5,45 (alunos) e 5,18 (alunas) de pessoas, enquanto a média nacional, segundo o IBGE, é de 3,5 (ano 2000). Mais da metade das famílias tem quatro ou mais

filhos. A escolaridade dos pais atinge na sua maioria o ensino fundamental de 1ª a 4ª séries. Poucos têm o curso superior completo. Quanto à saúde dos pais, há um número relativamente alto de tabagismo e alcoolismo. A faixa maior da renda mensal dos pais situa-se entre dois e três salários mínimos, e a menor, entre os que ganham mais de 10 salários mínimos. Até um salário são quase 14%. 87% dos rapazes trabalharam fora de casa antes de entrar na vida religiosa, enquanto 91,6% das moças o fizeram num período médio de quatro a seis anos. A grande maioria vem de escola pública: 88,8% para os rapazes e 75,05 para as moças no curso primário e em proporção menor na escola média 75,0% e 58,3% respectivamente. No mundo da política, a imensa maioria dos formandos (quase 80% dos rapazes e 75% das moças) apontou o PT como sua preferência. Entre os formadores quase 70%, sendo quase 20% sem preferência partidária.

As quatro maiores dificuldades de aprendizagem localizam-se, em ordem de importância, no campo da interpretação de textos, da memorização, da gramática, da ortografia e da falta de base. Quanto aos sentimentos da infância, num universo de 170, 46 formandos julgaram-na boa e feliz, enquanto 34 conflituosa, 29 assinalam problemas financeiros e 13 a morte do pai ou mãe. Na adolescência, a serenidade dá lugar para relacionamentos ruins, dificuldades financeiras, problemas afetivo-sexuais, sendo que 1/3 ainda a considerou tranqüila, boa e ótima. Bastam esses exemplos.

A pesquisa qualitativa, feita durante os anos 2003 e 2004, permitiu a reflexão teórica da maior parte do livro. Um capítulo, escrito em colaboração com Adriane de Freitas Barroso, é dedicado à vocação religiosa e a suas transfigurações. Estudam-se aí questões pertinentes à vocação religiosa. Uma primeira questão girou em torno às motivações, desejos e forças imaginárias que levaram as pessoas a assumirem a vida

religiosa. As respostas concentram-se no desejo de ajudar os pobres, na motivação de anseios humanitários e de solidariedade e na força imaginária de vínculos com os excluídos com forte ressonância da figura de Jesus. O texto joga ora com testemunhos de formadores/as, ora de formandos/as contrapondo-os de modo que ambos se iluminam mutuamente. Os formadores percebem a ambigüidade das motivações dos formandos onde se mistura a dimensão do sagrado com o desejo de status, de promoção e ascensão social, de segurança, de fuga de problemas emocionais ligados à identidade sexual. Entram em jogo desejos e motivações conscientes e inconscientes. Daí a necessidade do discernimento vocacional.

O livro mostra as mudanças nos aspectos demográficos e socioeconômicos da família e na instituição da Igreja católica na passagem dos períodos dos anos 70 e 80 para os anos 90 quanto aos efeitos sobre o problema da formação na vida religiosa: tendência sociológica de vocações provenientes de famílias de classe mais pobre, do interior ou de cidades médias ou de movimentos pastorais e um deslocamento das atividades sociais para a evangelização sacramental e mídia. De um lado, a opção pelos pobres levou os religiosos a terem maior presença no mundo popular donde vieram as vocações e também a secularização e, de outro, a diminuição de filhos das classes médias fez baixar as vocações daí provenientes. O autor localiza tais mudanças num horizonte cultural mais amplo de relativização dos valores e das tradições, da opção por relações interpessoais e horizontais, da fragmentação das atividades e da identidade, do desinteresse pela macro-política e pelas grandes estruturas, da preferência pelo sincretismo religioso e pelas formas religiosas ecumênicas, da tendência ao hedonismo e da vulnerabilidade psicológica.

Uma outra questão refere-se ao jogo de oferta e demanda, implícito ou explícito, entre a instituição e os que a buscam.

Tal questão na vida religiosa passa pela mudança do papel da religião católica na sociedade atual. Nesse jogo, uma primeira questão é socioeconômica, uma vez que a maioria que busca a vida religiosa vem de estratos sociais mais pobres. Mais do que “um status social, entrar na vida religiosa”, diz o autor, “é ocupar um lugar social, é pertencer, reivindicar uma âncora, alguma segurança – tarefa tão difícil na sociedade atual, cheia de não-lugares e relações narcísicas, calcadas na individualidade”. Há um deslocamento da oferta do ser para a do ter.

Ao estudar os principais conflitos e problemas psicoafetivos na formação da vida religiosa, o livro trata amplamente da questão da homossexualidade presente na vida religiosa, não necessariamente mais hoje do que outrora, mas, sem dúvida, mais visível. Sonda a compreensão que os religiosos fazem-se de homossexualidade, as manifestações que percebem dela na vida religiosa. Em relação com ela, aparecem o poder e a posição social, utilizados para praticá-la. A pesquisa aponta-lhe causas como questões afetivas, familiares, culturais e até orgânicas. Numa reflexão mais ampla, o autor refere-se ao movimento homossexual nos dois momentos expressivo-disruptivo de autonomia diante das instituições e integrativo-institucional por uma interação seletiva com o Estado, partidos políticos e instituições. Ele foi também submetido a abusos de uma sociedade do mercado e do espetáculo. É a cultura do aparecer que afeta todos os rincões da existência moderna.

Em capítulo seguinte, o autor avança tal questão, ao procurar na psicanálise alguma luz a respeito da sua etiologia. Espraia-se nas bases teóricas de S. Freud a respeito do complexo de Édipo e sua presença na formação. Explica os elementos principais dessa teoria freudiana de modo claro, simples e acessível. A partir dela, entende as relações entre os formandos, destes com a instituição da Igreja e da Vida religiosa, e com as pessoas dos formadores.

Em seguida, detém-se no estudo da psicopatologia na vida religiosa nas formas clássicas da neurose histérica, fóbica e obsessiva e da perversão. Caracteriza cada uma dessas expressões psíquicas em geral e na sua emergência no interior da vida religiosa.

Devido à importância da homossexualidade, o autor volta mais uma vez ao assunto. Prefere o termo homoerotismo por razões éticas, históricas, culturais e religiosas. Faz um estudo geral sobre o tema seguindo a evolução de sua compreensão e as diferentes posições na sua explicação. Com estudos de biólogos, mostra que existem em animais comportamentos que se poderiam classificar de homossexuais, quebrando um conceito rígido de natureza.

O último capítulo insere a formação do religioso no interior da instituição, perguntando-se pela sua razão de ser, pela função perversa que ela possa ter, contrapondo uma organização religiosa autoritária a uma educação humanizadora, desenvolvendo o conceito de participação e de autogestão para terminar com um estudo da relação entre formador e formado. Percorre as figuras do formador patriarcal ou autoritário, sedutor, autêntico e do formado identificado com o formador, protestador ou autônomo.

O livro é um percurso muito bem traçado e calçado teoricamente em posições reconhecidas na psicologia e psicanálise. Oferece subsídios para ulteriores discussões. Apresenta posições pessoais críticas, mas sempre justificadas. Em vez de traçar veredas bem definidas, prefere abrir clareiras onde as pessoas podem discutir pontos de vista e experiências. Ajuda formandos e formadores a reconhecerem e se conscientizarem da complexidade do processo formativo e da necessidade constante do diálogo com os diferentes saberes da psicologia, sociologia e outros.

*J. B. Libanio*

---

CASALEGNO, Alberto: *Lucas: a Caminho com Jesus Missionário. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia*. São Paulo: Loyola, 2003. 349 pp., 21 X 13,5 cm. ISBN 85-15-02664-3.

---

Alberto Casalegno SJ, biblista, é autor de renome internacional. Durante muitos anos, foi professor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte. Hoje, leciona Sagrada Escritura na Seção San Luigi da Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale (PFTIM).

A presente obra reúne vasta bibliografia, roteiro de estudo, comentário do texto bíblico e introdução à teologia lucana. Tem em vista prestar um auxílio ao estudante de teologia e ao pregador da palavra de Deus. O livro é bastante didático e exige do leitor um contato com o texto bíblico bem como o exercício de uma metodologia de estudo sem os quais o comentário não alcançará seu escopo.

A tese principal do livro está enunciada no subtítulo: Jesus ontem e hoje caminha com a humanidade no interior da história. Outrora, atravessando a Galiléia, a Judéia até Jerusalém. Agora, como ressuscitado, presente na comunidade de seus seguidores, até os confins do mundo.

O A. faz uma inovação metodológica. As questões sobre o estilo, a língua, a unidade do "corpo lucano" e outros temas, que geralmente são introdutórios nos comentários, aqui, aparecem no final da obra. Trata-se de um notório esforço de fazer com que o leitor pratique antes um estudo aprofundado do texto bíblico e só depois tenha acesso a esse emaranhado de pesquisas que o A. procura apresentar da maneira mais didática possível.

O A. desenvolve seu texto em três partes principais: (1) Lendo o evangelho; (2) Um olhar retrospectivo e outras questões; (3) Algumas perspectivas da teologia lucana. A primeira parte é

dedicada ao comentário das perícopes de Lc. São oferecidas ao leitor diversas informações e as mais importantes interpretações dos pesquisadores desse evangelho. Também são abordadas constantemente as relações com o Antigo Testamento, com o Novo Testamento e com os Apócrifos. Na segunda parte, no capítulo intitulado "Uma visão sintética", o leitor encontrará, em diversas colunas, informações importantes referentes aos títulos cristológicos, ao Reino de Deus, ao Espírito Santo e outros temas caros a Lucas. Por fim, o A. trata das principais perspectivas da teologia lucana. Como o leitor já teve um contato com o texto bíblico e seu comentário, a leitura desta última parte torna-se empolgante. Enquanto em outros comentadores é a parte mais enfadonha, que muitas vezes faz o leitor desistir, nesse livro acontece o contrário.

Essa obra é uma importante contribuição para o estudo da teologia lucana. Ao estabelecer uma exigência de leitura dos textos bíblicos e das referências intertestamentárias, o A. retoma a significação original e o teor teológico genuíno do evangelho, bem como a atualidade histórica da mensagem lucana. Trata-se de uma importante contribuição ao estudo do Novo Testamento. Uma obra muito rica para o conhecimento da situação do cristianismo nascente.

Esperamos que o A. lance um comentário sobre os Atos dos Apóstolos para que o seu trabalho possa realmente colher os frutos merecidos. Sem um comentário aos Atos a obra parece incompleta, assemelhando-se ao suspense de um livro inacabado.

*Aíla Andrade*